

Boa noite a todos, são tantas pessoas aqui importantes, amigas, amigos, imprensa aqui reunida, que já foram nominados, alguns não foram, mereceriam, e como todos merecem, então sintam-se todos cumprimentados. Faço questão de comentar professora Misabel e mostrar como é importante a divergência e com toda a elegância e inteligência ela mostrou a sua divergência e isso é extremamente importante para nós juízes, ouvirmos, ouvirmos e ouvirmos e aprendermos e saber ser humildes. Querido professor Ives Gandra Martins, vossa excelência, o senhor, você querido amigo, sabe da fé que nós temos no país, na democracia e no nosso Soberano. Saiba da minha emoção de ter aqui mais de sessenta anos de formado, presidente nesse jantar, é de tocar o coração, o nosso querido Toron sempre veemente, sempre querido, sempre amigo, obrigado. O nosso presidente Santa Cruz, que mostrou aqui a quem não o conhecia o que é o seu brio, o que é a sua liderança e por que vossa excelência chegou tão novo à presidência do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil. Esse evento que hoje ocorre aqui com tantas pessoas, ele já há uns dois anos que as prerrogativas, o Márcio Chaer, tem me convidado, eu tinha falado com o Márcio: Márcio, vamos deixar para fazer isso quando eu estiver na presidência do Supremo mesmo. E aí depois as coisas foram acontecendo, foram acontecendo, aí recentemente surgiu a ideia um jantar. De repente isso virou esse tamanho que teve até mestre de cerimônias, Lenio Streck. Lenio, Marco Aurélio, Chaer, Roberto Podval, todos os amigos aqui presentes, colegas de faculdade aqui presentes, Floriano, diretor da Faculdade de Direito da USP, meu colega de turma e tantos outros que aqui estão.

É difícil falar depois de tudo o que foi dito, mas tendo em conta o que está acontecendo no mundo, nem digo no Brasil, o que está acontecendo no mundo. O ataque às instituições, o ataque à democracia, o ataque ao Estado Democrático de Direito, também não é privilégio do Brasil, são questões que vem ocorrendo em todo o mundo. O ataque ao Supremo Tribunal Federal especificamente também não é algo recente, é algo que já vem ocorrendo de algum tempo, assim como o ataque à advocacia, assim como o ataque às instituições, assim como o ataque ao Parlamento, assim como o ataque a quem esteja no Poder, no momento em que esteja, mesmo tendo a legitimidade do voto.

Isso é a democracia, isso é o Estado Democrático de Direito, em um mundo em transformação, em um mundo que vive com as novas tecnologias, com uma dificuldade de se ver no futuro nessa união das novas tecnologias, com a inteligência artificial, que mundo nós teremos pela frente. E nesse mundo em que as pessoas conversam dentro de casa por Whatsapp, muitas vezes sem se falar, eu tenho sempre dito que o importante é a convivência, o

importante é o afeto, o importante é o sentar à mesa, o importante é o olho no olho, o importante é o carinho, o importante para enfrentar o ódio, como foi dito aqui, é o amor.

Temos que estar juntos na nossa humanidade, portanto, eu gostaria de dizer a todos aqui presentes que neste sentido, desta nova sociedade, o pensador que talvez a tenha definido seja o filósofo polonês Zygmunt Bauman, que cunhou o conceito na modernidade, da modernidade líquida. Na modernidade líquida nenhuma das formas consecutivas de vida social é capaz de manter seu aspecto por muito tempo, e dissolver tudo o que é sólido tem sido a característica inata e definidora da forma de vida moderna.

E os concorrentes desse cenário é a sociedade caracterizada pela crescente produção de conteúdo e informação, para democratização do acesso ao conhecimento, que é positivo, a facilidade das transações econômico financeiras e que também é positivo, e o crescente intercâmbio cultural. Portanto, também é uma sociedade, em que as informações transitam em enorme volume e quantidade, sem a pausa necessária para se discernir aquilo que é real do irreal, aquilo que é verdadeiro ao falso, do ético ao não ético.

Nesse mundo das redes sociais, dos smartphones, embora estejamos virtualmente mais conectados, talvez nós nunca fomos tão desconectados do outro, tão desconectados da natureza, tão desconectados de nós mesmos. Na ânsia de tudo querer saber, de tudo querer compreender, de tudo querer dominar, nós mal conseguimos dormir, nós mal conseguimos descansar, nós mal conseguimos nos abraçar, a nós mesmos. E nesse mundo, Umberto Eco diria que a modernidade líquida também se caracteriza pelo enfraquecimento da ideia de uma comunidade de valores, valores compartilhados e na ausência desses valores passa a prevalecer o individualismo. Daí a importância de pessoas tão diferentes estarem aqui. Temos representantes além do mundo jurídico. Está aqui o médico de todos nós, Raul Cutait. Temos aqui Alexandre Veronese, da Universidade de Santo Amaro. Além de outras personalidades já citadas que passaram por aqui, como o ministro Gilmar Mendes.

Quando o individualismo é elevado ao extremo o outro passa a ser visto como seu adversário. Nós deixamos de ser companheiros da travessia, e para passar da fronteira do pluralismo compreendido como o equilíbrio dinâmico entre as diferenças, como embate construtivo e transformador. O poder há de ser plural, se não for plural é violência, aquilo que não é plural, é violência. Daí a importância da pluralidade.

Jason Stanley em recentíssima obra já traduzida para o português, no final de 2018, obra essa intitulada "Como funciona o Fascismo", alertou para a reincidência no mundo atual de discursos e práticas políticas que estimulam a divisão social, a partir da dicotomia "nós e eles". Em tal cenário, caracterizado pela destruição de uma compreensão comum da realidade, cria-se a atmosfera do medo, cada dia que passa vamos olhar para nós mesmos, pensam agora, cada dia que passa a gente fica menos livre. Medo de sair de casa, medo de ir em um restaurante e ser fotografado.

Nós não podemos deixar o medo entrar em nós, em nossa sociedade, o medo se avisa, cria muros e barreiras, isola, desconfia, desumaniza, o medo embala o ódio, o ódio que nós falamos, ele é produto do medo que estão colocando nas nossas consciências, o medo do outro, o medo do plural, o medo do diferente. Umberto Eco caracteriza figurativamente a modernidade líquida como uma travessia, estaríamos, diz ele, em uma espécie de balsa, balsa que nos levará a um presente ainda sem nome; a gente não sabe ainda onde se vai chegar, e nisso aqui, Márcio Chaer, Marco Aurélio, Lenio, todos os oradores que falaram, nós estamos vivendo aqui essa balsa, quem está aqui está nessa balsa, unidos embora diferentes, com pensamentos diferentes, sobre a questão tributária, por exemplo, na Constituição, não é, professor Misabel? E tantas outras questões.

Nós aqui presentes sabemos onde queremos chegar, nós estamos numa balsa, mas nós sabemos onde queremos chegar, para nós aqui reunidos nessa balsa, o nosso destino tem nome, trata-se de um presente fincado nos valores constitucionais, como dito aqui pelos quatro oradores. Valores constitucionais da democracia, da liberdade, da igualdade, da fraternidade, do pluralismo e da harmonia social, são esses os elementos que a partir da Constituição de 1988 fundaram e refundaram o Estado brasileiro e a sociedade brasileira.

O artigo 3º é o nosso mito fundante, a partir de 05 de outubro de 1988. Temos que nos conduzir no presente e olhar para o futuro tendo esses valores como guia, destaco hoje a liberdade, a igualdade e a fraternidade, que fundaram a nossa modernidade e ainda nos guiam na nossa contemporaneidade, estes mais do que os objetivos das sociedades democráticas, desde a Revolução Francesa, são anseios da própria alma humana, como demonstrado na alegoria cinematográfica da Trilogia das Cores, de Krzysztof Kieślowski, em nossa Constituição foram destacados como objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil, no sentido de se construir uma sociedade livre, justa e solidária, e promover o bem de todos sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e de quaisquer outras formas de discriminação.

O pluralismo, que é um dos pilares da democracia, não pode dar lugar ao ataque do outro, não pode dar lugar ao medo, porque o medo leva ao ódio, por isso precisamos de convivência harmoniosa, com diálogo, como eu já disse, no olho no olho, precisamos exercitar a empatia e a escuta ativa, precisamos efetivamente nos conectar com o outro, como disse em meu discurso de posse na presidência do Supremo Tribunal Federal: Existe o outro e esse outro sou eu também. É naturalidade, na diversidade, no respeito às diferenças que se constrói uma grande nação.

É preciso que o diálogo construtivo e transformador assuma definitivamente o lugar da agressão e do ódio, que não deve entrar em nossa sociedade. Veja a Constituição de 1988, e aqui nós temos um constituinte, ministro Nelson Jobim, veja a Constituição de 1988, a democracia por ela refundada fortaleceu-se continuamente, a democracia é uma conquista do nosso povo, da nossa sociedade, é o ponto culminante de uma série de lutas históricas por direitos, os quais foram finalmente reconhecidos e garantidos pelo Estado brasileiro.

Os direitos que ela propugna, não são apenas dados da realidade, são conquistas, são legados que liderou a OAB aqui, tanto tempo defendendo esses legados e essas conquistas, são produtos da luta e do suor das gerações passadas e presentes, nesse transcurso vimos a consolidação e o fortalecimento de importantes instituições de defesa da democracia: O Poder Judiciário, o Ministério Público, as Defensorias Públicas, a advocacia privada, a advocacia pública e a sociedade civil organizada, a qual como costume dizer, são todos a alma da democracia brasileira.

Mas Poderes são três, são três. Nós somos três Poderes e a sociedade civil, é esse o desenho da Constituição, e o Judiciário como garante desse desenho. Nesse transcurso, vimos a consolidação de todas as instituições brasileiras, desde o começo nos mostram que é assim que se caminha, precisamos permanecer vigilantes e aguerridos na defesa desses legados, para que continuemos a trilhar o caminho pacificador, apaziguador e civilizatório que tem marcado a história brasileira nessas últimas três décadas. É também indispensável que se defenda diuturnamente as instituições responsáveis pela tutela desses legados, há quem diga que o Supremo Tribunal Federal não precisa ser defendido, será que a democracia, presidente Santa Cruz, não precisa ser defendida diuturnamente? ("Sempre", palmas). É preciso que defendamos diuturnamente as instituições responsáveis pelo Estado Democrático de Direito e pela democracia, é importante dizer sim à democracia, em suas salvaguardas institucionais devem ser cotidianamente defendidos, é uma

construção histórica, não é um dado da natureza, é uma construção cultural e histórica, que estamos sempre a defender.

Conforme observa Steven Levitsky na obra "Como as Democracias Morrem", investidas contra a democracia podem ocorrer de forma quase imperceptível, desestruturando lentamente suas bases. O jurista belga alerta que a democracia deve permanentemente precaver-se de dois perigos, quais são os dois? Primeiro, exacerbação do conflito, todo conflito ou toda diligência vira uma crise, e não estamos à beira do abismo ou se jogando nele, quando é verdade. Então ele alerta que isso é um ataque à democracia, a exacerbação de conflito, você abre os jornais, você entra nos sites, você liga a televisão, dá vontade de se matar, parece que o mundo acabou, parece que o mundo acabou. Não sou eu que estou dizendo, é esse belga aqui que está dizendo. A exacerbação do conflito, ou então a sua ocultação, aqueles que não são mostrados, aqueles que são deliberadamente escondidos, porque são conflitos escusos, são conflitos que querem tomar o poder, são conflitos que querem roubar (palmas) os Três Poderes.

Esses dois extremos colocam em risco, cada qual à sua maneira, o equilíbrio dinâmico. Defender o STF é defender por isso a própria democracia, é defender a liberdade, e os direitos fundamentais. A história do Supremo Tribunal Federal, há quem diga que o Supremo não deveria julgar Habeas Corpus, professor André, há quem diga que o Supremo não deveria ter matéria criminal, a história do Supremo Tribunal Federal foi fundada por Rui e pelos seus ministros com a história do Habeas Corpus, com a história da defesa da liberdade (palmas), que criou um mandado de segurança depois, a doutrina do Habeas Corpus é o Supremo Tribunal Federal.

Caro Fernando Mendes, presidente da AJUFE, é importantíssimo a presença aqui do presidente da Associação dos Juizes Federais (palmas), muito importante contar aqui nesse evento com a sua presença, para mostrar que o sistema de Justiça está preocupado com a democracia, está preocupado com o Estado Democrático de Direito e somos testemunhas disso, aliás, tem vários ex-presidentes da AJUFE por aqui.

Não há democracia sem um Poder Judiciário independente e autônomo, é a Justiça que harmoniza com independência e com base na autoridade do Direito da Constituição das leis os conflitos democráticos da sociedade, e eu sou daqueles juizes que penso que tal qual aprendi que a grande defesa dos despossuídos, dos desvalidos e dos perseguidos, é a lei, é a Constituição (palmas). Não é aquilo que eu penso que seja o melhor para a sociedade, não é necessariamente que eu penso que é melhor para a

sociedade, ou para um progresso civilizatório que quem tem que fazer é a própria sociedade e não o juiz.

No Estado de Direito é o Poder Judiciário que nos salva do arbítrio, por causa da lei e da Constituição, garantindo a todos e a cada um, governantes e governados, sem distinção de classe social e econômica, sem distinção de cor, sexo ou crença, traduzindo em leis o concebido com uma nação da vontade geral, da vontade popular. Sem Justiça não há paz social, não há segurança jurídica, por isso cabe a todos nós os Poderes da República e as funções essenciais da Justiça, e a sociedade civil organizada exercer máxima vigilância e defesa dos valores constitucionais e democráticos, é preciso, sim, defender a democracia, é preciso, sim, defender o Supremo Tribunal Federal, é preciso, sim, defender (palmas) o Poder Judiciário brasileiro, é preciso, sim, defender o Ministério Público, a advocacia privada, a advocacia pública, a Defensoria Pública, é preciso sim.

O que não se pode são os excessos, o que não se pode é querer, superando os limites legais e constitucionais ser o dono do poder, criando inclusive do nada, recursos para tal finalidade (palmas). Recursos que deveriam voltar à União, ao Estado (bravo). Isso tem até nome no Código Penal, mas não vou dizer o tipo. Às vezes é preciso proteger as instituições delas mesmas (palmas), porque elas são necessárias, elas são importantes, e como disseram, a democracia é um empreendimento compartilhado, seu destino depende de todos nós.

Eu gostaria aqui de lembrar aquilo que eu disse há dois anos atrás na FGV, aqui em São Paulo, lembrando exatamente a Trilogia das Cores, de Krzysztof Kieslowski, que é importante questão, professores, "A Liberdade é Azul", "A Igualdade é Branca", "A Fraternidade é Vermelha", Irène Jacob protagonista da "Liberdade", Julie Delpy protagonista da "Igualdade" e a terceira agora me falha... Irène Jacob protagonista da "Fraternidade". No primeiro filme a personagem de Juliette Binoche perde o marido e o filho, o marido compunha exatamente a sinfonia que ia marcar a fundação da União Europeia, morre num acidente de carro com o filho. Julie se sente finalmente livre e liberta, e vai atrás da sua liberdade, até porque como já dizia um outro filme, um filme francês, a verdadeira liberdade é não amar e não ser amado. E ela acha que encontrou essa liberdade de não amar a ninguém e não ser amada, quem assistiu o filme sabe que tem o episódio do gato no apartamento, e que ela consegue a partir daí voltar a conviver com a sociedade, é impossível não se amar, é impossível não ser amado. E aí fica claro que a verdadeira liberdade não vai ser encontrada em nós mesmos deixando de amar ou se recusando a ser amado, é no outro que nós encontramos essa liberdade. E assim se percebe, eu não quero ser spoiler

mas o filme é bastante antigo, muitos anos atrás, mas na verdade era ela quem escrevia a sinfonia e não o marido, como a autora de Frankenstein, era ela o autor. "A Igualdade é Branca", a personagem Julie Delpy se casa com um polonês e vivem em Paris, mas ele não consegue consumir o casamento. Ela pede o divórcio, ele vira um mendigo nas ruas de Paris, volta para a Polônia, fica rico e volta a Paris para querer se vingar, mas ele nunca consegue a igualdade, por conta do preconceito, por conta do ódio entre povos, tão vizinhos e tão próximos. Depois vem o terceiro com Irène Jacob, "Rouge", "A Fraternidade é Vermelha", que começa com a personagem de Irène Jacob atropelando um cachorro, e aí a primeira da fraternidade, da solidariedade mundial, ela vai socorrer o cachorro, não só socorre o cachorro como pega na coleira do cachorro o endereço do dono, e leva aquele cachorro até o seu dono. E o dono não estava nem aí para o cachorro, ele não estava mais nem aí para a vida, era um velho juiz, um desgraçado juiz, e talvez pelas dificuldades, Fernando, da nossa profissão e das incompreensões que tem com aqueles que não podem nem conversar com a sua mulher, eles não puderam decidir temas tão importantes que interferem na sociedade, e foi uma vida solitária, é uma vida sozinha, é uma vida de quem quer acertar e o Brasil tem que se orgulhar do seu Poder Judiciário. O Poder Judiciário do Brasil é o que mais trabalha no mundo, as senhoras e os senhores aqui sabem disso (palmas), a Suprema Corte que mais trabalha no mundo é o Supremo Tribunal Federal, mas ali, aquele juiz já aposentado, ranzinza, que não acreditava mais no ser humano e se divertia com as mazelas dos outros, era uma maneira de se sentir menos infeliz, era ver que tinha pessoas mais infelizes, pessoas que mentiam, pessoas que para ele eram pessoas que tinham medo. Irène Jacob começa a conviver com esse juiz, e com seus gestos ele volta a acreditar na humanidade, tal que ocorre dela fazer uma viagem com ele pelo mar do Norte. E naquele barco que talvez seja a balsa de que nos fala Umberto Eco, infelizmente acontece uma fatalidade, aquele cruzeiro naufraga e se as senhoras e os senhores forem ver a última cena, do último filme que é "A Fraternidade é Vermelha" verão que só sobreviveram as protagonistas e os protagonistas da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade. Nós vamos sobreviver (palmas).